

Apresentação

A revista Rebento 9 inaugura um espaço de abertura para textos de temática entre Arte e Cultura Indígena, espaço aberto tanto a indígenas como a pesquisadores não indígenas. Resultado de pesquisas realizadas por um dos ramos que nutre o Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias CNPq, o número foi uma oportunidade sugerida pela editoria da Rebento como mais um passo para pensar e fazer modos de aproximação entre culturas.

Os integrantes do grupo, Vanessa Rosa, Caio Franzolin, Luis Quesada, Miguel Magalhães, Luis Quesada e Gabriel Kuster, junto com sua coordenadora, Carmina Mendes André, organizaram três eventos intitulados Encontros de Saberes, que objetivaram receber indígenas de Aldeias já visitadas pelo grupo. O primeiro deu-se com o coordenador do Centro de Cultura Indígena da Aldeia Tenondé Porã, onde vivem os Guarani e onde Vanessa estagiou. O segundo, por meio de um curso sobre História a partir da perspectiva indígena, ministrado por Casé Tupinambá, professor doutor da UESC em Olivença (BA), que vive aldeado junto aos Tupinambás naquela cidade. O terceiro aconteceu com a visita de integrantes do povo Kariri Xocó (AL) a São Paulo. E esperamos momento propício para retribuir a visita.

Para esta edição da Rebento, escolhemos a arte como mediadora dos afetos. E foi com esse calor que colhemos textos em que a arte se faz senhora das boas relações. Dos textos recolhidos, pudemos dividir a publicação em três partes temáticas: Escola, Figuras Cômicas e Outras Artes. Abençoando o início da leitura, o primeiro texto, cheio de sabedoria indígena sobre o bem viver entre os Guaranis, tem o título *Sistema Milenar Educativo*, tecido pelas mãos de Cristine Takuá, indígena que atua como professora de filosofia em escola indígena no litoral norte paulista.

Nossa primeira parada será na temática Escola, em que apresentamos três textos. Em *O silêncio, o tempo e o aprender com o coração*, Vanessa Rosa de Araujo e Carminda Mendes André contam de que modo é construído o dia-a-dia da escola infantil entre os Guaranis da Aldeia Tenondé Porã, próxima à cidade de São Paulo. Em *A escola indígena e as legislações educacionais: Um olhar para as políticas indigenistas e indígenas para a educação dos povos Xerentes no Estado do Tocantins*, as autoras Raquel Souza e Kathya Godoy apresentam uma leitura de documentos federais, estaduais e municipais a respeito dos direitos dos povos originários sobre sua formação escolar e profissional. As autoras apontam para um descompasso entre a legislação e a execução de política educacional, em favor das escolas indígenas situadas ou não nas aldeias; indicam também alguns problemas e caminhos que possam aproximar saberes não indígenas e indígenas por meio da escola. Em *Entre a Sala de Aula e a Aldeia Indígena Kaprankrere: contato intercultural e aprendizado de corpus cênico*, Rafael R. Cabral relata experiência em arte educativa de um curso de iniciação ao teatro com estudantes de Pedagogia. Ali, organizaram um jogo teatral a partir do mito caiapó Mebengokre, intitulado O Buraco do Tatu, que mostraram em uma aldeia Kaprankrere, num exemplar de troca cultural.

Depois, encontramos com a tribo dos palhaços, em parte cujo tema é Figuras Cômicas, formada por três outros textos. Em *A abóbora é Hôxwa: Amjikin Jât Jõ Pi* (Festa da Batata), Ana Carolina Fialho de Abreu descreve a festa do mito da batata, na qual aparece a figura cômica do Hôxwa. Em seu texto, a autora testemunha o espírito antigo e brincalhão do povo Krahô. Em *Diálogo entre culturas: reflexões a respeito de uma viagem*, Miguel Magalhães Rosa Pereira e Carminda Mendes André relatam viagem realizada à Aldeia Manoel Alves, da etnia Krahô, no Nordeste do Tocantins, para participar da Festa da Batata. Ali, lidam uma vida estruturada política e culturalmente de caráter comunitário. Encontram-se com o mestre Ismael Krahô, Hotxuá, traduzido como palhaço ritual. Em *Escuta Profunda*, Alba Pedreira

Vieira, depois de conviver com os Krahô, reconhece sua ancestralidade indígena e realiza uma ação de arte da performance.

Como em toda viagem, muitas surpresas acontecem. Com o tema *Outras Artes*, somamos essas surpresas num grupo diverso e rico, composto por sete textos. No texto *La Tribu Imaginaria*, o artista e mestre Andrés Del Bosque defende a ideia de uma “tribo de palhaços” constituída fora das fronteiras políticas e culturais; uma tribo que intercambia saberes indígenas e não indígenas por meio dessa figura cômica. Em *Performance de protesto: Marcas indígenas na cidade de Campinas*, Alessandro Oliveira relata sobre uma importante rede de participantes interessados na temática indígena, localizada na cidade de Campinas. Dentre as várias atividades da rede, está a militância pelo debate à causa indígena com a população de Campinas. A abordagem é por meio da arte ativista; ativismo que é um modo de protesto, um ato político cuja posição é a de reverter situação de desqualificação da pessoa do indígena e problematizar sua presença em contexto urbano.

A seguir, em *Arte, Política e Ritual do Povo Kariri-Xocó: fotografias e narrativas de encontros com escolas*, as autoras Karina Miki Narita e Alik Wunder analisam as impressões suscitadas no encontro com os Kariri Xocó na cidade de Campinas, por meio de ensaios fotográficos produzidos pelo coletivo Fabulografias. O encontro faz parte de um projeto do Grupo Sakurá, composto pelos próprios Kariri Xocó que militam pela divulgação de sua cultura viajando anualmente por vários lugares do Brasil, atuando preferencialmente em espaços escolares. Em *Cores e Linhas da Cosmologia Tapirapé*, Valdimar Damas nos apresenta o estudo de algumas pinturas corporais do povo Tapirapé, que vive ao nordeste do estado do Mato Grosso. O estudo nos apresenta as intenções das pinturas (religiosas, de proteção e cura, ornamentais), bem como as diferenças entre pinturas masculinas e femininas. A arte da pintura corporal desse povo está ligada ao xamanismo, a saberes recebidos dos animais e dos sonhos das autoridades espirituais do grupo. Os impactos das invasões de fazendeiros e madeireiros influenciam a cultura desse povo, obrigando-

os ao uso da roupa, podendo interferir no xamanismo de que os constitui.

Sem perder o fôlego, em *Artes Visuais Indígenas Contemporâneas do Brasil: resistência e manifestações indígenas através das expressões artísticas*, Paola Amaral Tavares faz uma análise dos discursos das obras da exposição Mira! De Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas, em Belo Horizonte, constituída por 300 obras de 75 artistas de 30 etnias diferentes. Em *DNA afetivo kamê e kanhru – concepção de uma prática colaborativa em comunidade kaingang*, os pesquisadores Kakinka Lorenci Mallmann, Joceli Irai Sales e Andreia Machado Oliveira conceitualizam a prática colaborativa entre artistas e comunidades específicas, nos apresentando relatos de experiências de arte e ativismo. Nas ações relatadas, destaca-se a parceria entre os pesquisadores não indígenas e o Joceli Irai, pesquisador kaingang, sobre as duas grandes divisões familiares com seus respectivos símbolos reproduzidos em pintura corporal. O texto *A(r)tivismo indígena no Brasil*, de Luiz Roberto Andrade Quesada, descreve uma pesquisa em que o uso da tecnologia por parte dos indígenas no Brasil é ferramenta de comunicação, de divulgação cultural e de reivindicação de direitos.

Cláudia Fazzolari apresenta dupla abordagem da obra da *performer* guatemalteca Regina José Galindo: o texto *Regina José Galindo entre as vozes dos povos indígenas da América Latina*, em que se propõe intensificar o diálogo entre as linguagens artísticas e os testemunhos de vida de indígenas e não indígenas, acompanhado do Ensaio Visual que encerra este volume. Para finalizar nossa viagem, em *Entrevista com Edgar Castro, da Cia Livre*, Flávia de Oliveira Martins Coelho explora, por intermédio da conversa com o ator Edgar Castro, um processo de construção teatral baseado em mitos ameríndios amazônicos, em que os equívocos tradutórios são tornados material criativo, nos espetáculos "VemVai, o Caminho dos Mortos" e "Cia Livre Canta *Kaná Kawã*", ambos da Cia Livre.